

Apresentação

Depois da promessa, vem a queda. Depois da queda, vem a pergunta: **e agora?**

O Tigre de Vidro: Cemitério de Ilusões é o livro da trilogia em que o jogo deixa de ser protagonista e dá lugar às pessoas. Homens e mulheres que chegaram ao limite não por fraqueza moral, mas por acreditarem em uma saída que nunca existiu.

Neste volume, o leitor acompanha um grupo de apoio formado por pessoas viciadas em jogos de aposta digitais. Cada encontro revela uma história diferente: como conheceram o jogo, o que faziam da vida, onde acreditaram estar no controle — e em que momento perceberam que estavam apenas tentando fugir da própria dor.

Este não é um livro sobre espetacularização da ruína. É um livro sobre **consciência**.

Ao ouvir esses relatos, o leitor compreende que o jogo não destrói apenas finanças, mas distorce a percepção do tempo, da esperança e das relações humanas. A promessa de dinheiro fácil se

revela, em todas as histórias, como aquilo que realmente é: um atraso da dor que retorna multiplicada.

Com uma narrativa psicológica, humana e responsável, *O Tigre de Vidro* mostra que o fundo do poço não é um lugar único — é um processo silencioso. E que sair dele não depende de sorte, mas de reconhecimento, fala e apoio coletivo.

Embora ambientada no Brasil, esta é uma história universal. Porque os mecanismos do vício digital atravessam fronteiras, culturas e classes sociais. E porque a ilusão de controle é uma armadilha global.

Este livro cumpre um papel claro dentro da trilogia: **ensinar, sem moralizar**, que a fuga não compensa. Que o jogo não vale a pena. E que enfrentar a dor, por mais difícil que seja, custa menos do que desaparecer tentando evitá-la.

O Tigre de Vidro é o livro em que o leitor entende, definitivamente, que não existe vitória possível nesse jogo — apenas a chance de interromper o ciclo antes que ele leve tudo.

Boa Leitura!

CAPÍTULO 1 — A CHEGADA

Parte 1: Chegar cedo demais

Ricardo chegou cedo demais.

Ele soube antes de olhar o relógio — não por intuição, mas por aversão. Chegar cedo significava encostar num intervalo. E intervalo era a única coisa que o sistema dele sempre tentou eliminar.

Intervalo vira pensamento.

Pensamento vira fissura.

Fissura vira pergunta.

E pergunta, no mundo dele, era desperdício.

Ele desligou o motor, mas não saiu.

Do outro lado da rua, o prédio parecia feito para não ser encontrado. Sem placa. Sem promessa. Sem linguagem de marketing fingindo acolhimento. Nenhum “você não está sozinho”. Nenhum “hoje começa sua nova vida”. Nada.

Aquilo o irritou de um jeito específico: o jeito de quem está acostumado a ser seduzido por um funil. Ele encarou a fachada como quem encara uma interface que se recusa a mostrar botões.

— Um lugar que não tenta te capturar... — murmurou.

A frase não era admiração. Era diagnóstico.

“Você não veio buscar acolhimento”, Lívia disse dentro dele, com aquela calma que sempre soava como ofensa.

Ricardo apertou o volante. A pele do couro devolveu a pressão como uma pequena derrota.

— Eu vim porque mandaram.

“Você veio porque ficou sem argumento que preste”, ela devolveu. “E porque, pela primeira vez, seus logs não explicaram você.”

Ricardo sorriu — um sorriso curto, sem humor.

Logs explicavam todo mundo. Mas não explicavam o que faltava.

Os monitores dele mostravam horas, picos, quedas, retornos. Mostravam padrões de compulsão como se fossem fenômenos